XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Cultura, comunicação e periferia. Apropriações e transformações.

Rúbia Lóssio.

Cita:

Rúbia Lóssio (2009). *Cultura, comunicação e periferia. Apropriações e transformações. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-062/232

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

Cultura, comunicação e periferia

Apropriações e transformações

Rúbia Lóssio*

Primeiramente faço um convite à introdução do pensar. Não é a toa que Heidegger, afirmou: "Conquistamos o sentido da palavra pensar quando nós mesmos pensamos. Para que um tal ensaio aconteça, devemos estar preparados a aprender a pensar" (HEIDEGGER apud BUZZI, 1988).

A cultura e a comunicação são aspectos que posicionaram a nossa reflexão. Para alargar o nosso debate, poderíamos construir a seguinte questão: para que servem a cultura e a comunicação na vida cotidiana?"E mais, para que servem a cultura e a comunicação nas periferias? Principio com vocês uma nova forma ou até uma fórmula de escutar a voz da periferia.

Passarela do cotidiano

Tomemos como exemplo um terminal rodoviário de linhas de ônibus urbano de passageiro nas periferias do Recife/PE. Lugar moderno que realça os significados, que mostra o movimento da população, lugar de mudança social. Falar em estética na contemporaneidade requer um olhar para a não-significação, irregularidades, assimetria, descontinuidades entre outras formas que geram dúvidas, incertezas e que parece não estar em ordem. Vale ressaltar que, nesses espaços públicos, as formas estéticas são enaltecidas. O grito da estética nesses terminais de linhas de ônibus urbano é

* Fundação Joaquim Nabuco. Núcleo de Estudos Folclóricos Mário Souto Maior. E-mail: rubia.lossio@fundaj.gov.br

um fabuloso lugar para compreendermos a função social dos indivíduos de massa. No vaivém de passageiros a estética traduz a vida cotidiana desses indivíduos. É na estética que iremos encontrar respostas para o contexto econômico e social na vida dessas pessoas. Podemos salientar que a cultura vem tomando novos rumos, e sobrevive reinventando seus valores pelas formas e estilos. Porém é na "gramaticalidade do invisível" que liga signos de diferentes semânticas e estabelece territórios sintáticos capazes de dialogar entre si, estabelecendo o formismo social de Simmel[1] entre Maffesoli que define o formismo como "(...) um polípode que tem implicações estéticas, éticas, econômicas, políticas, e, evidentemente, gnosiológica" (MAFFESOLI, 1985, p.11).

O cenário de um terminal de linhas de ônibus é rico em assimetria. Há pessoas que revelam suas vidas a partir de suas vestimentas. Encontramos várias tribos como os que trabalham de mestre-de-obras e pedreiros, em sua maioria carregam uma bolsa pequena com alça, usam bermudas, tênis, camisetas, boné e exalam um cheiro forte do desodorante que acabaram de usar. Já as diaristas, exibem seus decotes e saliências, usando blusas apertadas de cores fortes, calças justas ou saias, geralmente estão de tamancos, estão maquiadas, com sombras de cor intensa, cabelos alisados na chapinha, além de abusarem dos acessórios como brincos grandes, pulseiras, entre outros adornos bem como o perfume popular, tudo isso ajuda a compor o estereótipo dessa categoria. Pensamos então, que o centro do cotidiano desses indivíduos é o terminal de integração de ônibus, ou seja, a ordem está na aparência.

O olhar de incerteza do cachorro vira-lata, que vive rondando a procura de um dono, compõem o título dessa passarela até o saco de pipoca que rola pelo chão, o barulho dos motores dos ônibus, bem como os ambulantes que vendem suas mercadorias, como pipoca, cachorro quente, picolé, pomadas para dores entre outras bugigangas, ajudam a dar formas para esse lugar de encontros e desencontros. Temos também os motoristas de ônibus, os fiscais, e as filas de espera que demonstram uma idéia de que tudo está em ordem. A socialidade é traduzida nesse espaço dinâmico de tribos. É um lugar de toques, de efervescência de contornos indefinidos onde as pessoas se roçam, cruzam-se, estabelecem interações, operam cristalizações e formam grupos. É o que Mafessoli chama de "relação táctil". O olhar desses indivíduos revela as durezas do cotidiano, olhar de fome, de dor, de tristeza, de cansaço, de alegria, de sofrimento entre outros olhares. Há também a tribo dos estudantes que, com seus cadernos e celulares, divulgam o viço da idade, transbordam energia e, com *pircing* e tatuagem, traduzem com seus suores à volta para casa.

De associações diferenciadas, nessa ambiência especial, o cotidiano se transfigura na estética desses indivíduos numa *união em pontilhado* segundo afirma Maffesoli (1985).

[1] A comunicação e a cultura no cotidiano. Wellington Pereira. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 32 • abril de 2007 • quadrimestral. Consultar: http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/1973/1789

Esse lugar é recheado de sentidos. Há a relação face a face, em que a existência social se espalha. É importante salientar, porém, o que vem a ser cotidiano. Segundo alguns autores, o cotidiano é um conceito complexo, então utilizaremos o conceito a seguir:

> (...) o cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura" (MAFFESOLI, 1985a, p. 64).

Então, periferia é entendida aqui como:

> Aquilo que se constitui como um 'centro' e como 'periferia' é algo subjetivo, dependendo da perspectiva daquele que realiza tal aferição. Além disso, a paralaxe – a aparente mudança na posição daquilo que constitui o centro e a periferia resultante da mudança de posição do observador – seja em termos espaciais ou cronológicos, seja em termos das circunstancias sociais e financeiras, demanda que os parâmetros e as limitações do presente estudo sejam claramente indicados. (RUSSEL WOOD, 1998, p.189).

O lúdico na periferia

De imediato, pensaremos como esses moradores se divertem. Eis o que há de melhor na vida dos seres humanos: a folga. Em dias de folga, o lúdico determina as emoções dessas pessoas. Antes havia a questão do preconceito, não que hoje a gente não fale em etnocentrismo, mas houve uma época em que dançar o coco, jogar capoeira, brincar o maracatu era proibido. Hoje o palco é o lugar! É um lugar de tecnologia, de gelo seco, de microfones, de sons e de apresentações. O palco transcende as culturas.

Há uma festa na praia do Paiva, Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife/PE, chamada Festa da Lavadeira. A Festa da Lavadeira acontece sempre no dia 1º de maio, dia do trabalhador, que teve seu início no ano de 1987, a partir de uma escultura de uma mulher

que foi colocada em frente de uma casa ainda em construção. Os moradores da região logo denominaram a estátua de "mulher" e começaram a fazer oferendas. Os nativos visitavam a escultura e depositavam pequenas feiras, presentes entre outras oferendas. Para que todos se encontrassem, surgiu assim a Festa da Lavadeira, que reúne grupos da cultura popular nordestina, os quais são exibidos em palcos – denominados palco da mata, palco da terra, palco do mar e palco do circo. De caráter religioso a Festa contempla o lado sagrado misturado aos rituais africanos[2].

Os nativos se misturam com brincantes, com fazedores da cultura popular. Você encontra também um comércio informal que vai desde bebidas até penduricalhos. São barraquinhas de *hippies* vendendo brincos e pulseiras, barracas que vendem cordéis, apostas de jogos de azar do seu time predileto, *cds*, maçã do amor, frango assado, artesanato, pipoca, carrocinhas de cachorros-quentes, entre outros. É tanta diversidade que você fica perplexo com a movimentação de estudantes, nativos e brincantes. O bom mesmo é observar os pregões usados pelos vendedores para anunciar os seus produtos. A festa é um verdadeiro desfile de fantasias e de gente que traz como vestimentas, mais assessório do que roupa, afinal, a Festa ocorre numa praia. A beleza da Festa consiste em apreciar todo esse encontro. Além do mais, a lama completa o cenário, pois é na praia do Paiva que existe o tradicional banho de lama. A brandura do povo é revelada pelas apresentações nos palcos. A Festa também é divulgada nas emissoras locais.

A periferia utiliza dispositivos para enfrentar a mídia. Vimos que o terminal rodoviário urbano lugar de encontro e de aparências, o lugar das tribos, e vimos também, o palco, dimensão do espetáculo. Como afirma José Luiz Braga em seu livro A Sociedade enfrenta a sua mídia (2006), que aborda os dispositivos sociais de interação com a mídia, ou seja, há lugares onde a mídia é abordada como a sala de aula, mesa de bar e porque não acrescentar o cotidiano na sua cotidianidade.

O estilo de vida é uma forma de enfrentar a mídia. "Todos os eventos banais, exteriores, são finalmente, ligados por fios condutores às opções finais, referentes ao sentido e ao estilo de vida" (SIMMEL, Georg, *apud* MAFFESOLI, 1995, p.65). A partir das articulações comunicativas, o grau de proxemia diminui, elaborando assim janelas a partir do uso da mídia. Como ocorre nas *lan houses*, lugar de encontro entre os adolescentes que abrem uma janela em seus computadores para efetuar ainda mais o seu encontro. É estar conectado com o mundo e os amigos ao mesmo tempo. Outro fenômeno das periferias é a elaboração de *cds* piratas, ou seja, as carrocinhas com amplificadores que divulgam a música do momento e conseguem anunciar o produto. É uma amaneira criativa de sobrevivência e produção. De custo desvalorizado os *cds* são comercializado sem autorização. E os

[2] A esse respeito consultar o *site*: *http://www.festadalavadeira.com.br/*.

DJs, os famosos *disc jockey* surgem para realizar as festas bailes (*funk* a pagodes) das periferias. É a profissão do momento.

Há, na verdade, um encantamento fabuloso quando ocorre as festas dos padroeiros e padroeiras no centro da cidade. Nessas festas, o estilo e a estética se encontram; formas e conteúdo se misturam, provando que a tradição reage como interseção entre santos, procissões, feiras, maçãs do amor, alfininho, e as apresentações da monga, a mulher que vira macaco que uni também o *glaumour* da dançarina com sua maquilagem vencida exibindo suas exuberantes celulites, dribla o cotidiano na hora em que vira macaco. Para Simmel, o espaço público é frágil, constitui formas sob interações concretas. Numa festa como essa a aparência, revela diversas modulações dos signos, onde faz aflorar o estilo das coisas, e nas transmutações das coisas apresenta uma ambiência tactil. O lúdico na periferia talvez esteja neste compasso, como uma tela de proteção vemos um mundo de cores fortes, de personalidades fortes, onde há ambivalências, tendo como grife o desejo.

O *look* dessas pessoas é, sem sombra de dúvida, uma mistura de frivolidade do consumo na união em potilhado da nebulosa afetual. Essas festas servem de autoestima, são esperadas, como se fosse um ritual até o dia da sua comemoração, de sua cuminância. O cotidiano não se inventa ele existe e é nessa existência que se inaugura o presente.

Pensamos por um instante o momento de um espaço de muita estética, a feira livre de uma periferia. É no vucovuco que as pessoas realizam suas compras. No colorido das verduras, frutas, cereais, sacos de grãos, bugigangas penduradas, acontece o espetáculo na feira livre. Tomates amassados no chão, lixo ao redor das barracas, pessoas gritando, correndo, entre sacolas e carros de mãos, as pessoas se agitam, e as bicicletas insistem em passar pelo lugar dos clientes. O feirante é aquele que, com suas mãos de calos ajeitam as verduras, pendura os cachos das bananas, pesam a cebola, a batata, o chuchu e a cenoura, e a embalam numa rapidez fenomenal. Pronto, como se fosse uma mágica. Essa mesma mão é mão que entrega o troco retirado do maço de dinheiros do bolso é a mesma mão que assua o nariz e ainda, a mesma mão que ajeita as partes pubianas aos modos da infância e que também atende ao celular para falar com alguém que pergunta se tem batata-doce e o feirante responde aos gritos. E o visual das pessoas é de uma efervescência, de uma frivolidade estonteante. São chinelos de plástico, de borracha, de couro aos pés machucados, ou de calos, ou rachados. As mulheres realçam suas curvas, algumas até exageram, utilizando decotes, calças apertadas que deixam as marcas da silhueta do corpo. Alguns homens possuem corpos atléticos e outros em sua maioria salientam as barrigas constatando sua preferência pela danada da cachaça e com camisetas de propaganda de político ou bloco carnavalesco desfilam pela feira, entusiasmados com o seu time de futebol preferido. Toda essa expressão confere o cotidiano

desses moradores que transformam a feira num espetáculo de cores e com seus pregões encenam seu modo de ser e de vender.

Comunicação e periferia

O cotidiano se espalha pela casa e a rua (Damatta), pela ponte e a porta (Simmel) e pelo computador e a esquina. O computador é o veículo para realizações tais como: pelejas virtuais realizadas pelos cordelistas, marcar encontros na esquina de casa, bem como elaborar a receita de um bolo e baixar músicas, conhecer uma igreja, entre várias alternativas oferecidas pelo mundo virtual. Essas esferas de ação social colaboram para uma nova compreensão da sociologia. Se para G. Simmel[3] a ponte simboliza a extensão da nossa esfera volitiva no espaço, de valor estético, a ponte religa o ser humano com o mundo. A porta ilustra a separação e a reaproximação une o ser humano ao universo doméstico, o interior e o exterior e liga o espaço do homem com tudo que está fora dele.

Desse modo, além da ponte e da porta, no conectado cotidiano das periferias há o computador que transcende que religa o ser humano com mundo utilizando uma ponte virtual que religa o finito ao infinito. A esquina caracteriza eixo de ligação das relações sociais. A esquina é o cruzamento que separa e aproxima, da casa, da rua, da porta, da ponte, do computador, e da televisão. Embora a parede seja muda e a porta fale, o computador gesticula, utiliza todas as artimanhas da comunicação além de oferecer a esfera imaginária do espaço. Enquanto que, na esquina você cruza e tenta desafiar o espaço provocando objetivos e criando realidades. Facilmente extrapolável, a esquina poder ser um labirinto de efervescência vital de excitação na escolha do caminho. A manifestação da vida cotidiana é de fato um lugar de sentido. O uso das mídias reforça o valor de um determinado lugar ou local, ou seja, não importando o episódio e sim o registro midiático. Assim, da tragédia à comédia, o fato que é transmitido na mídia vai usufruir um valor maior: o valor de uso. A mídia como diz Maffesoli é vetor de contaminação.

Magnífico é o lugar onde se pode existir críticas e comentários, pois conectado cotidiano da periferia interessa a todos. Interessa a mídia, interessa ao vizinho, interessa a mim, interessa a você.

Por isso a fenomenologia serve de garantia entre todas essas discussões. Metodologicamente a ciência precisa ser conduzida e se faz necessário escolher um determinado caminho. Estudar o conectado cotidiano das periferias além de pensar, faz-se necessário à utilização da compreensão da doutrina universal das essências. Destarte: "Segundo essa breve definição, a fenomenologia é um

[3] http://cassandra_veras.tripod.com/sociologia/simmel/ponte.htm ou livro SIMMEL, G. A Ponte e A Porta a e a Filosofia da Paisagem. In: *Política & Trabalho*. Setembro de 1996. Editora Universitaria UFPB, PPGS e UFPB (10-24) 1996.

método**,** o que significa dizer que ela é o 'caminho' da crítica do conhecimento universal das essências. Assim, para Husserl, a fenomenologia é o 'caminho' (método) que tem por 'meta' a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências."[4] Desse modo: "Dilucidar estes nexos entre *verdadeiro ser* e *conhecer* e, deste modo, investigar em geral as correlações entre acto, significação e objeto, é a tarefa da fenomenologia transcendental (ou da filosofia transcendental)». (HUSSERL, 1990, p. 13-14)

Podemos ainda encontrar resposta na sociologia de Alfred Schütz, segundo a qual toda a interpretação do mundo está baseada em uma reserva de experiências prévias que existe no interior de um estoque de conhecimentos disponíveis. Este conhecimento se manifesta por sua tipicalidade. Ainda nesse contexto Schütz descreve que "o mundo da vida cotidiana é estruturado em 'diversas camadas da realidade, em realidades múltiplas e que o estoque de conhecimentos não é o mesmo para cada ator. (CORCUFF, 2001, p. 91-92). Para Peter Beger e Thomas Luckmann, a 'sociedade é uma produção humana. A sociedade é realidade objetiva. O homem é uma produção social." (CORCUFF, 2001, p. 93).

Considerações Finais

Assim, o cotidiano é o trunfo para análise de novas pesquisas sociais. Nele há tempo e espaço; experiências e estilos de vida; aparências e estéticas e, entre formas e formismo, tudo acontece. Talvez, nesse contexto, as efervescências e vibrações dêem vida ao lugar. Lugar este aqui retrato pela periferia. Periferia parte da parte, universo do universo. A periferia está em torno dos *shoppings centers* e mesmo assim define em seu tempo espaço promessas de imitações do que vê e ouve pelo conectado mundo da tecnologia da informação. Também inaugura formas de vida, desencadeia discrepâncias entre o que deve ser com o que deveria ser em seu dia-a-dia. Compreender o mundo das periferias é se apropriar de múltiplas façanhas metodológicas. O estudo do conectado cotidiano das periferias é desenvolver um território virtual e dinâmico das essências e da comunicação que estão no ritmo da vida.

[4] http://www.uefs.br/nef/dante5.pdf acesso em 20 de janeiro de 2009 às 12:05h . **O QUE É ISTO — A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL?** *Dante Augusto Galeffi* Professor Adjunto do Departamento II da FACED – UFBA Doutor em Educação – UFBA dgaleff@uol.com.br

Referências

- BUZZI, Arcanêngelo R. *Introdução ao Pensar*. O Ser, o Conhecimento, a linguagem. Petrópolis: 17ª Edição, 1988.

- CORCUFF, Philippe. As novas sociologias: construções da realidade social. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- _____. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

- MELO JÚNIOR, Maurício. *Paraná-puca e o berço da pátria: passeio histórico e sentimental pela nação pernambucana.* Recife: Bagaço, 2008.

- MENDES, Délio. *Região Metropolitana do Recife: Globalização e Política*. Recife: Livro Rápido, 2007.

- PEREIRA, Wellington. *A comunicação e a cultura no cotidiano*. *Revista Famecos*, n. 32, abril de 2007. Porto Alegre.

- RUSSEL WOOD, A.J.R. Centros e periferias no Mundo Luso-brasileiro, 1500-1808. In *Revista Brasileira de Historia* . São Paulo: Anpuh/ Humanitas Publicações, v. 18, n. 36, 1998.

- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço e Tempo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

- TEDESCO, João Carlos. Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social. 2º ed. Santa Cruz do sul: Edunisc: Passo fundo: UPF, 2003.

- SIMMEL, G. A Ponte e A Porta a e a Filosofia da Paisagem. In: *Política & Trabalho*. Setembro de 1996. Editora Universitária UFPB, PPGS e UFPB (10-24) 1996.